

## **Love me or leave me**

*J. Roberto Whitaker Penteado*

*Jornal do Brasil*

Nos anos sessenta, morei três anos em Nova York, quando o Empire State ainda era o maior edifício do mundo e acredite o WTC não existia nem como projeto. Nem eram muitos os brasileiros, por lá.

Trabalhava, como estagiário, na J. Walter Thompson, uma agência de propaganda em midtown. No 11º andar havia as salas dos executivos de conta, que eram pessoas importantes e tinham altos salários. Um deles que cuidava da Northeastern Airlines tinha o hábito de chamar-me para compartilhar um café e falar de política. Fazia-me muitas perguntas, mas a principal era: Por que os outros não gostam de nós?

Eu, que gostava dele e de muitos outros norte-americanos, tentava explicar, pela ótica dos meus 18 anos e muitas simpatias por Cuba, que acabara de fazer sua Revolução: É que vocês, sob o pretexto do anti-comunismo, apoiam governos de ditadores e tiranos, pelo mundo, que maltratam, torturam e matam os seus povos.

Mas, retrucava, como é que nós vamos cuidar do mundo inteiro? Temos os nossos problemas, nossas prioridades.

Tentando ter a sua visão, da Avenida Lexington e da casa, em New Haven, onde morava com a mulher loura e três filhos tinha de reconhecer que era difícil, a minha tarefa.

Passadas quatro décadas, pude assistir à mesma perplexidade dos jornalistas da CNN, entrevistando, à distância, gente de pele escura, na América Latina e no Oriente e mesmo um francês rosado, em Paris que lhes diziam substancialmente as mesmas coisas. Não conseguiam entender: Why people hate us? Tanto os jornalistas apesar de suas responsabilidades específicas como o executivo fazem parte de um estrato superior do que podemos considerar como o "povo" americano. Já era difícil, para eles, aceitar que fossem odiados e, sobretudo agora, entender porquê.

Exausto da guerra de imagens, minha mulher e eu colocamos um vídeo na TV: uma história baseada no romance de 1814 da inglesa Jane Austen, Mansfield Park. O filme é recente e se passa na mansão de uma família nobre e abonada. Ninguém trabalha a não ser a criadagem e parte do enredo lida com o fato de que as rendas da família provêm de uma plantação de açúcar nas Antilhas, operada por escravos.

Uma coisa que assusta, na releitura da longuíssima história da escravidão no mundo ocidental e oriental é a naturalidade com que a instituição quase sempre foi aceita, desde os tempos de Aristóteles, passando pelos domínios das religiões cristãs e chegando ao iluminismo. As idéias de liberdade individual e de direitos do homem são recentes; estão, ainda, na infância. Na sua origem, os escravos eram estrangeiros, capturados nas batalhas essas, em geral, movidas por motivos de expansão territorial e formação de impérios.

Desde sempre, os povos imperiais viveram da mais valia de outros povos. Não há exceções. Fossem como escravos presenciais, ou como populações inteiras forçadas a produzir para seus tiranos locais e os dominadores distantes. A revolta era quase sempre contida e o terrorismo puramente local. As populações dos impérios gozavam de "paz" e "prosperidade".

Minha caixa de correspondência, na Internet, tem andado cheia de explicações para os dias de terror e compunção que estamos todos vivendo. Há, contudo, uma clivagem clara entre os artigos, cartas e documentos escritos por afegãs, muçulmanos, latinos, outros orientais e europeus e os textos produzidos nos EUA com minúsculas exceções de um ou outro estudioso. Para nós, do lado de fora, mesmo os que simpatizamos com a dor da perda humana e que considerávamos a Ilha de Manhattan como um pouco nossa houve um ato de vingança, que se consubstanciou nas explosões de 11 de setembro, resultado de ódios antigos e mortais, direta

ou indiretamente criados pela afluência econômica do único Império remanescente do século passado. Para eles, contudo, houve violência incontida e inesperada, o medo e a dor. Seguidas pela descoberta, por parte da maioria, de que são amados e odiados, como nação e como povo. Talvez bem mais odiados do que amados.

Será que dá para entender? Será que dá para nós entendermos o que tantos deles estão sentindo e pensando?

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=465&ID=60>>.  
**Acesso em:** 6 ago. 2009

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais